

Escapamento de Coração

Um dia tudo viria à tona. Todos aqueles cochichos, aqueles nós na garganta, aqueles apertos no peito, aquele peso imenso que ele achava que carregava nas costas iria sumir. Um dia.

A cada dia que se passava ele se sentia mais e mais sufocado. Não era mentira, era omissão. Por que ele tinha que se portar daquela forma? Por que o disfarce? Por que, meu Deus, por que não se livrar daquilo tudo logo de uma vez? Mas ele não conseguia. E olha que ele queria muito, mas muito mesmo dar um fim àquele sofrimento.

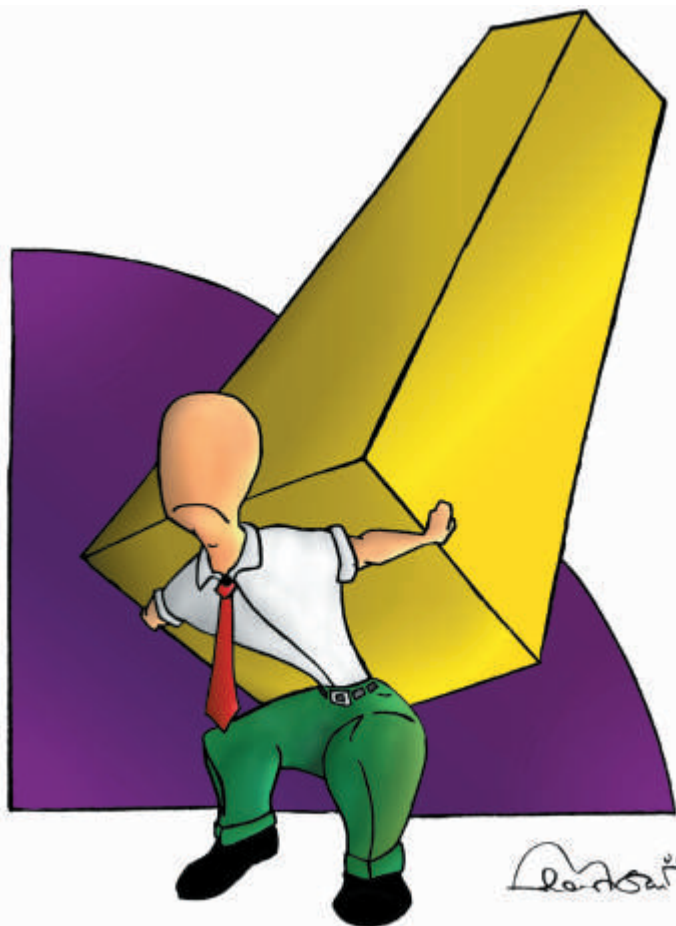
Todo mundo à sua volta parecia sempre tão leve. Bom dia, doutor. Como o senhor está? Sua mãe está melhor? Você está linda. Você está sempre linda. Posso ajudá-lo em mais alguma coisa? Não pode. Ninguém pode. Salvar-nos de nós mesmos: isso somente nós podemos fazer. É o esforço da rotina, dessa maldita rotina que faz tudo parecer tão estranhamente limpo.

A verdade é que ele era sujo. Sujo e pesado. Bem diferente de todos que o rodeavam. Eles sim tinham cabelos impecáveis e sorrisos brancos como sulfite recém-comprado. A postura, ah, a postura! Todos com a coluna perfeitamente ereta, o andar alinhadíssimo, a precisão quase cirúrgica de cada palavra. Já ele não. Mal-arrumado, meio corcunda, pensando asneiras pelos quatro cantos. Também, com toda aquela carga. Mas ele disfarçava. Imitava, como sempre fez, desde garoto. Medo de fazer feio. Se descobrissem seria uma desgraça. Descobrissem o quê? Tudo! Tantas coisas embaixo do colchão, da manga, do tapete, do taco do piso de madeira da sala...

Todo santo dia ele se olhava no espelho e, por um breve momento, levava um susto. Quem é você? Vestia a máscara. Ah, claro, você sou eu. E ia para o trabalho. Bom dia. Boa tarde. Boa noite. Tudo muito bom, tudo muito bem. Mas dentro do peito, uma bigorna. Se prestasse bem atenção, dentro dos olhos também dava pra ver: fumaça. Mas ninguém presta atenção. Nem eu, nem você, nem ele, muito menos os outros. Todo mundo trabalha ou se atrapalha de alguma forma.

Bendito dia em que ele percebeu algo interessante: todo mundo tem mais ou menos a mesma altura. Todo mundo tem perna curta. Foi porque ela o abraçou, chorou e pediu ajuda. Contou tudo o que estava acontecendo na vida dela. Todas as besteiras que ela fez e não conseguia enfrentar. Ela, que estava sempre tão linda...

Tudo tão simples, era só prestar atenção. E ele o fez. Prestou atenção no que ela tinha para dizer, prestou atenção no quanto aquilo fazia bem. Um dia tudo viria à tona. Um dia. O dia. Prestou atenção nos olhos. Nos meus, nos seus, nos dele e principalmente nos dos outros. Fumaça.



Canto da Sereia

Ela era menina bonita, de sorriso branco e fácil, de coração vermelho e difícil. Era assim que funcionava (ou deixava de funcionar): mente aberta, alma estirada. O problema é que às vezes caía semente de flor colorida no terreno fértil da cabeça dela, e ela acabava por sonhar em jardins inteiros...! Gostava de tudo que era poesia, de tudo que era música, de tudo que era circo. Ficava em estado de graça quando ouvia e via coisa que mexia com ela. Deixava rolar uma lágrima ou escapulir mais um dos seus sorrisos, imaginava um beijo, um abraço, uma troca de olhares, um encontro.

Sua beleza não era pura. Era uma beleza foliona, cheia de brilho. Confetes e serpentinas. Seus sonhos não eram inocentes, e sim cheios de festa, de alegria, de rostos pintados, de tato. Não era difícil gostar dela. Tanta energia e tanto prazer para encantar todos os cantos, enquanto seu canto era a voz de celebração e de pranto.

Foi assim, por causa dela, que eu descobri como era duro não se apaixonar pelo sujeito da ação. Ela ia ao teatro e se sentia completamente seduzida pelo personagem. Vidrada, de olhos bem abertos, sem piscar, prestava atenção em cada movimento daquele corpo exposto. Depois voltava pra casa e ficava deitada na cama, dessa vez de olhos fechados, imaginando um beijo, um abraço, uma troca de olhares, um encontro... Ninguém nem nada poderiam arrancá-la de seu paraíso ideal. Passava dias curtindo suas fantasias. Depois ia ver uma banda tocar e se maravilhava com o cantor. E assim misturava arte com artista, música com autor, personagem com ator. Ah, mas como é duro não se apaixonar pelo apaixonante!

Toda noite me deito em meio a beijos, abraços, trocas de olhares e encontros! Toda noite choro e rio. Toda noite construo um paraíso. Toda noite planto flores coloridas nos meus jardins suspensos da Babilônia. Menina bonita me deu asas e me mostrou que poesia, música e circo são uma coisa só: a vida.

Paula Cardoso de Mello Tucunduva Margarido é ex-aluna do Colégio Dante Alighieri (turma de 2004). Hoje ela cursa o primeiro ano de Direito na PUC-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

